



Miguilim

revista eletrônica do netli
volume 6, número 2, Maio-Ago. 2017

A REALIDADE E A CRÍTICA SOCIAL ENVOLVENDO A MULHER NEGRO-BRASILEIRA NO CONTO CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO



REALITY AND SOCIAL CRITICAL INVOLVING THE BRAZILIAN BLACK WOMAN IN THE SHORT STORY CLARA DO ANJOS, BY LIMA BARRETO

Márcio Antonio de Souza MACIEL
Luciana dos Santos GASPAR
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL,
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 26/06/2017 • APROVADO EM 12/09/2017

Abstract

A brief overview of the literature produced by black and Brazilian authors is the aim of this article. It was up to the Brazilian black writer Lima Barreto, besides the aesthetic and artistic effect, the mission to make his literature an instrument of complaint against a discriminatory and elitist society, as critics point out. In Barreto's short story Clara dos Anjos (1920), it is possible

to note a strong critique of the condition of the mulatto and black woman, first, by the misogynist and patriarchal bias, secondly, by the ethno-racial movement at the beginning of the 20th century, in the Rio de Janeiro city. The narrative, on account of this finally, exposes the prejudice suffered by the woman of black origin and, therefore, its consequent disgrace, pregnancy and abandonment as destiny.

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar um breve panorama sobre a literatura produzida por autores negros e brasileiros. Ao escritor negro Lima Barreto coube-lhe a missão de fazer da literatura um instrumento de denúncia contra uma sociedade preconceituosa e elitista, conforme apontam as críticas. No conto barretiano Clara dos Anjos (1920), é possível observar uma crítica à condição da mulher mulata e negra, no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro. A narrativa, finalmente, por conta disso, expõe o preconceito sofrido pela mulher de origem negra e, portanto, sua consequente desonra, gravidez e abandono.

Entradas para indexação

Keywords: Brazilian black literature. Lima Barreto. Clara dos Anjos.

Palavras-chave: Literatura negro-brasileira. Lima Barreto. Clara dos Anjos.

Texto integral

Porque [...] o que é verdade na raça humana, não é extensivo ao preto; eu mulato, ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tratado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande

(Lima Barreto, *Diário Íntimo*, 1956)

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.

Há incontáveis estudos e pesquisas voltados para a literatura nacional, sobretudo, para a produzida por autores brancos. Embora haja um número significativo de produções realizadas por autores negro-brasileiros, tal literatura é pouco conhecida, talvez, em virtude da pouca divulgação. Ao longo das últimas décadas, alguns grupos se mobilizaram, com o objetivo de fortalecer e divulgar os textos literários produzidos por homens e mulheres de origem negra, é o que, também, destacam duas grandes pesquisadoras da área, Luiza Lobo e Zilá Bernd, ambas citadas no decorrer deste estudo.

O primeiro contato com o livro *Questão de pele* (2009), organizado por Luiz Ruffato, despertou o nosso interesse para a realização desta pesquisa. O exemplar é uma coletânea de contos sobre o preconceito racial. A opção pelo conto “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, se deveu pelo fato da personagem principal da narrativa representar-nos e, também, representar uma grande porcentagem da população brasileira, ou seja, a mulher humilde, suburbana, de pouca escolaridade mas, sobretudo, negra ou mulata.

A primeira parte deste artigo apresenta um breve histórico sobre a literatura negro-brasileira. O autor Lima Barreto e sua incansável luta contra uma sociedade preconceituosa e racista, por sua vez, é destaque na segunda parte. A terceira e última parte desta pesquisa, por fim, é dedicada a interpretar a crítica social presente no conto “Clara dos Anjos”, do escritor carioca.

2. SOBRE A TEMÁTICA DA NEGRITUDE NO BRASIL.

Antes de tratarmos da literatura negro-brasileira, é importante esclarecer sobre o que estamos falando. Para abordar este assunto, é preciso voltar um pouco na história do Brasil, mais precisamente, no período de colonização. Com a chegada do homem europeu e, posteriormente, do homem africano, no território nacional, surgiram os primeiros sujeitos mestiços e mulatos. Segundo Zilá Bernd,

No contexto colonial latino-americano, o termo mestiço era usado para designar os filhos do homem branco e da mulher indígena, reservando o termo mulato (derivado de mulo) para designar o fruto do intercuro sexual dos homens brancos com as negras (BERND, 2007, p.455).

É sabido que há outros inúmeros termos (alguns pejorativos, inclusive) para designar filhos de pais com etnias distintas. Mas o fato é que a mestiçagem, de modo geral, foi vista como algo depreciativo “porque esteve frequentemente associada à bastardia, a fruto da relação ilícita ou ilegítima” (BERND, 2007, p.456). Baseado no estudo da obra de Gilberto Freire, a pesquisadora afirma que os filhos mulatos dos senhores, ao serem alforriados, eram criados na casa grande e recebiam educação superior, coisa que muitas vezes não acontecia com os filhos legítimos. Podemos até destacar alguns escritores mulatos que ficaram conhecidos no período dos séculos XIX e XX, na literatura brasileira, como exemplo, Castro Alves (1847-1871), Gonçalves Dias (1823-1864), Machado de Assis (1839-1908), Cruz e Souza (1861-1898), Tobias Barreto (1839-1889), Lima Barreto (1881-1922) e Mário de Andrade (1893-1945).

Na literatura nacional, também, por outro lado, temos alguns personagens mestiços como Moacir, fruto do amor da índia Iracema e do português Martim, no romance homônimo de José de Alencar, de 1865. Da relação de uma mulher negra, chamada Domingas, com o português José, nasceu o mulato Dr. Raimundo,

personagem de *O Mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo. Segundo Bernd, sobre essa narrativa, tudo correu naturalmente bem na vida do jovem enquanto ele morava na Europa, mas ao retornar ao Brasil, Raimundo se descobre mestiço, e

Como outros mestiços retratados pela literatura, enquanto sua origem não é revelada, ele é bem-tratado e bem aceito pela sociedade branca, mas basta a revelação do segredo, que marca seu nascimento para que ele seja rejeitado e marginalizado (BERND, 2007, p.458).

Outros escritores como Jorge Amado (1912-2001) e João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), igualmente, criaram personagens negros, índios, mulatos ou mestiços. Não podemos deixar de incluir nesta lista, também, o dramaturgo Néelson Rodrigues (1912-1980) que criou, para uma de suas peças, Ismael, um personagem negro não folclórico, o protagonista de *Anjo Negro*, lançada em 1946, mas somente encenada, dois anos depois, em 1948. Conforme Zilá Bernd colocou ao longo do seu texto, a questão da mestiçagem varia de acordo com a região que este indivíduo está inserido. No caso do Brasil, ela é tida como homogeneizadora, por incluir o negro e o índio, “a fim de fazê-lo desaparecer no processo de embranquecimento progressivo da sociedade” (BERND, 2007, p.460).

Agora, já elucidado o conceito dos termos mestiço e mulato, retornamos à proposta central da nossa pesquisa, a literatura negro-brasileira. A estudiosa Luiza Lobo produziu um ensaio dedicado a esclarecer a ideia de literatura negra. Segundo ela, esta denominação é usada para classificar as produções realizadas por indivíduos afrodescendentes. Para a pesquisadora, se não houver este destaque para a produção da minoria, repetiremos sempre o mesmo cânone, ou seja, não sairíamos do reduto de autores brancos. Deste modo, o principal objetivo desta literatura é destacar e valorizar as produções negro-brasileiras. Para Zilá Bernd, citada no texto de Lobo, apenas a etnia não é suficiente para criar uma certa literatura. Vejamos:

Neste sentido, é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas a temática por ele utilizada; mas emerge da própria evidência textual, cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos (BERND, *apud* LOBO, 2007, p.327-328).

Outro ponto interessante, comentado por Lobo, é a importância de não retirar desta literatura o traço de negritude, pois, isso faria com que a produção negra se perdesse entre as inúmeras produções de autores brancos, que possuem, na maioria das vezes, uma visão estereotipada do negro. A pesquisadora é enfática

ao afirmar que a literatura, de modo geral (branca, vale lembrar), trata a literatura negro-brasileira, muito frequentemente, como tema folclórico e/ou exótico. No entanto, segundo Lobo, é preciso que ela seja feita por autores negros. Em outras palavras, o indivíduo negro precisa deixar de ser tema para tornar-se escritor.

Para Eurídice Figueiredo, há muitos escritores negro-brasileiros que produzem literatura de qualidade, porém, é preciso que o mercado editorial e o meio acadêmico olhem com interesse para essas produções, a fim de tirá-las da invisibilidade. A pesquisadora, ainda, comenta que embora haja bons escritores negros desde o século XIX, a exclusão de alguns autores de descendência africana do cânone literário brasileiro gera um desconforto nos dias atuais. David Brookshow, autor de *Raça e cor na literatura brasileira* (1983), citado por Figueiredo e Lobo, se mostra surpreso ao encontrar poucos autores negros no cânone literário, quando o Brasil é um dos países com maior população negra, fora do continente africano, uma vez que 54% da nossa população é formado por negros e pardos, segundo o censo do IBGE de 2014.

Tratando agora de produções literárias, os levantamentos dão conta que a literatura negro-brasileira tem como primeiro romance o livro *Úrsula*, em 1859. Segundo Lobo (2007), a primeira obra foi escrita por uma mulher, a maranhense e professora primária, Maria Firmina dos Reis (1825-1917). Esta publicação representou um grande marco porque, também, foi a primeira a mencionar a causa abolicionista no país. O romance coloca em pé de igualdade, segundo a ensaísta, o herói branco, Tancredo, e, por outro lado, o escravo, Túlio, ao ligá-los através da amizade.

Próximo às comemorações do centenário da Abolição, por volta da década 1980, os estudos indicam que “o negro deixa de ser objeto e passa a sujeito da literatura e da própria história” (LOBO, 2007, p.315). Dito de outro modo, deixa de ser tema (objeto) e passa a ser autor (sujeito), produzindo, com isso, o texto baseado na sua visão de mundo.

Na poesia negro-brasileira, podemos destacar o poema “Quem sou eu?”, publicado em 1959, de autoria do baiano Luís Gama, em que, pela primeira vez, um autor negro assumiu publicamente sua identidade racial, embora não tenha deixado de lado a ironia: “Se negro sou, ou sou bode, / pouco importa. O que isto pode? Bodes há de toda a casta, / pois que espécie é muito vasta.../ Há cinzentos, há rajados [...]” (GAMA, *apud* LOBO, 2007, p.316).

O movimento modernista brasileiro tinha como objetivo criar uma identidade nacional, como é sabido. Para Lobo, embora, no movimento, tivesse uma maior liberdade moral e política, foram poucos os autores, tantos negros ou brancos, que colocaram o negro, em destaque, diante do momento histórico. Parte da produção desse período, pós-abolicionista, visava tornar a figura do índio um mito, mas não a do negro.

Enquanto isso, por outro lado, o período pós-modernista está marcado pela organização de autores em grupos, com o objetivo de difundir e valorizar a literatura negro-brasileira. Segundo Figueiredo, em 1978, surgiu no país o MNU (Movimento Negro Contra a Discriminação Racial), representando um marco para a igualdade racial no Brasil. Um dos grupos, conhecido como “Quilombhoje”, assume, em 1982,

a elaboração e organização dos *Cadernos Negros*, um espaço destinado a textos literários, que alternou suas publicações entre poesia e prosa.

Antes mesmo da criação de *Cadernos Negros*, já existiam ótimos escritores realizando produções independentes, contudo, o objetivo da publicação coletiva era tornar a literatura negro-brasileira mais visível, segundo Figueiredo. Tal expediente funcionaria, também, como uma resposta às dificuldades editoriais e ao baixo interesse dos críticos. Sobre a série organizada por escritores brasileiros, Figueiredo conclui:

A proposta da publicação dos *Cadernos* é constituir-se, de modo similar ao dos quilombos históricos, como um lugar de resistência ao racismo e de afirmação cultural e indenitária afro-brasileira, num circuito editorial alternativo (FIGUEIREDO, 2005, p.335).

A partir do crescente movimento dos grupos negros, foi criada na cidade de São Paulo a livraria Eboh, voltada para produções negro-brasileiras. A poesia publicada na década de 1970, por conta disso, apresenta uma crítica à falsa liberdade decorrente da abolição da escravatura, como podemos observar no trecho do poema do gaúcho Oliveira Silveira: “Treze de maio traição liberdade sem asas! e fome sem pão. Liberdade de asas quebradas - como este verso” (SILVEIRA, *apud* LOBO, 2007, p.322).

Para a ensaísta Luiza Lobo, atualmente, as produções literárias da negritude têm direcionado suas críticas às instituições de ensino e na relação do indivíduo negro com a sociedade. Inclusive, podemos destacar Luís Silva, um exímio representante desta temática. Cuti, pseudônimo de Luiz Silva (1951), é um dos mais engajados militantes da literatura negro-brasileira, como ele próprio nomeia esse segmento. É poeta, ensaísta e romancista e, como ele mesmo afirma, tem se aventurado, também, a escrever para o teatro. Formou-se em Letras pela Universidade de São Paulo; é mestre em Teoria da Literatura e, por fim, Doutor em Literatura Brasileira. Juntamente com outras lideranças, fundaram o movimento “Quilombhoje” e, também, é um dos criadores da série *Cadernos Negros*, destinada a fortalecer a produção de autores negros, conforme já apontamos.

Em um dos capítulos do livro *Crítica sem juízo*, a autora Luiza Lobo dá destaque a duas escritoras: Carolina Maria de Jesus e Francisca Souza da Silva, mulheres pobres e negras. Elas são autoras das obras *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960) e *Ai de vós! Diário de uma doméstica* (1983), respectivamente, que tratam das dificuldades vividas por mulheres negras, humildes, de pouca escolaridade, mães solteiras e trabalhadoras domésticas.

Sobre a produção de Francisca Souza da Silva, Lobo comenta que o fato da obra tratar-se de um diário; conter datas e apresentar situações cotidianas, não faz do livro menos literário, por conta disso, pois, segunda ela, a autora desconhece a técnica literária. Para a estudiosa, antes, “[...] se trata de uma narração interpretativa, que por definição se distingue do real, ao representá-lo. A literatura,

ao captar a vida, é irrecuperável enquanto tal, é sempre uma recriação pela mimese artística” (LOBO, 2007, p.384).

As produções das autoras, citadas acima, apresentam um indivíduo massacrado, sobrevivente diante das inúmeras adversidades e, por conseguinte, mostram outra versão da literatura nacional, qual seja, a outra face da mulher. Para Eurídice Figueiredo, acompanhar a trajetória de Carolina Maria de Jesus é conhecer “a luta quotidiana de uma mulher ‘de cor’” (FIGUEIREDO, 2005, p.337). A escritora enfrentou o preconceito por conta da sua raça, do seu gênero e, por fim, da sua profissão. Manifestou, porém, por conta disso, seu descontentamento contra a política nacional e contra a condição de vida dos brasileiros mais humildes.

No ensaio “Questão de pele para além da pele”, Conceição Evaristo trata da modesta presença de personagens negros na literatura brasileira, uma vez que os autores (na sua maioria, brancos), ao criarem personagens negros, não lhes oferecem lugar de destaque, fortalecendo, dessa maneira, a tendência a invisibilizar esses indivíduos. Diante das inúmeras obras que compõem a literatura nacional, percebemos que, em muitos casos, os personagens negros aparecem como coadjuvantes ou, quando muito, antagonistas do personagem central, geralmente, branco.

Esta problemática pode ser claramente observada no discurso literário da ficção romântica, quando se idealiza a origem mestiça em que somente o índio é destacado, enquanto o negro é deixado de lado, excluído. Para Evaristo, o período do romantismo não dá a devida importância para o africano na formação do povo brasileiro. A presença indígena, por outro lado, pode ser encontrada nas obras: *O guarani* (1857), *Iracema* (1865), e *Ubirajara* (1874), a tríade indianista de José de Alencar (1829-1877), por exemplo.

Para a ensaísta, a não exaltação do indivíduo negro se dá pelo fato da maioria dos autores daquela época, inclusive o próprio Alencar, serem nascidos em famílias donas de escravos e, para eles, o negro não representava nada mais que um objeto a ser usado, pois, “o africano era só um corpo escravo” (EVARISTO, 2009, p.23).

3. LIMA BARRETO: O HOMEM E SUA CRÍTICA À SOCIEDADE.

Afonso Henriques de Lima Barreto, ao longo da sua vida, escreveu dezessete obras, embora soubesse, desde o início, que tornar-se um escritor não seria algo muito fácil para um homem negro, pobre, homossexual e alcoólatra. Por volta de 1907, dá seus primeiros passos rumo à arte de escrever, ao publicar os primeiros capítulos do romance *Recordações de Isaías Caminha*, numa revista chamada *Floreal*.

Decidido a encarar o preconceito racial presente na sociedade da época, Lima Barreto resolveu editar o romance *Recordações de Isaías Caminha* (1909), obra esta em que faz uma crítica à hipocrisia e ao preconceito existente no Brasil. O autor, por conta disso, relatou a pessoas próximas que sua intenção com o livro era escandalizar e desagradar (cf. FREIRE, 2011, p.14).

Após a publicação da obra, não faltaram críticas ao autor. Dentre os vários críticos literários que comentaram sobre o livro, podemos destacar José Veríssimo, que expôs a seguinte opinião: “[...] Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo” (VERÍSSIMO, *apud* FREIRE, 2011, p.15). Os críticos oficiais foram unânimes e consideraram o romance como memorialístico e autobiográfico, segundo Veríssimo, de “excessivo personalismo”. Para Freire, os “erros”, observados pelos críticos, foram uma opção do escritor que quis deixar a imagem “do propositalmente malfeito”, uma vez que seu recurso, para aquele momento, era a linguagem (cf. FREIRE, 2011, p.21).

Lima Barreto, no entanto, conhecia suas limitações literárias, se assim podemos dizer. Como estava disposto a vencer na carreira de escritor, deste modo, procurou conhecer, portanto, alguns dos clássicos da literatura universal como *Crime e Castigo* (1866), de Dostoiévski; *Guerra e paz* (1869), de Tolstói; *Cousine Bette* (1846), de Balzac, dentre outros.

Após um período de estudo dos clássicos, o autor se dedica, no ano de 1911, a uma nova obra, o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que, inicialmente, foi publicado em folhetins, no *Jornal do Comércio*, enquanto que a publicação do livro só se deu, em 1915. Diferentemente, porém, de *Recordações de Isaías Caminha*, o primeiro romance, a obra recebeu críticas positivas. Baseada no *Diário Íntimo*, de Lima Barreto, Freire (2011) afirma que alguns críticos da época aproximaram Lima Barreto a Cervantes, e, deste modo, “Policarpo Quaresma” é considerada a versão brasileira de *Dom Quixote de la Mancha*.

Para os críticos da área gramatical atuantes no período, o escritor cometeu descuido de sintaxe e de estilo. No entanto, o que ninguém imaginou é que este foi o meio encontrado por Lima para quebrar com a estética parnasiana e simbolista e, a partir de então, se inicia uma nova fase da literatura nacional. O autor adotou a linguagem popular, a fim de promover a aproximação com público e, desta forma, atingir o maior número de leitores.

Em um trecho do ensaio voltado para Lima Barreto, Freire (2011) destaca a dedicação do autor à literatura assim como sua busca pelo sucesso. Foram muitas as dificuldades que encarou no decorrer da carreira; houve momentos em que precisou enfrentar o desprezo e a exclusão, por não se encaixar nos padrões da sociedade, uma vez que era marginal em vários âmbitos, conforme já dissemos.

Partes das publicações do autor foram voltadas para apresentar o drama social de moradores de subúrbio e descendentes de escravos, como é o caso do acontecimento narrado no conto base desta pesquisa, “Clara dos Anjos”. Texto este que foi publicado pela primeira vez no livro *Histórias e sonhos* (1920), juntamente com outras produções do escritor. Antes de sua morte, ocorrida no ano de 1922, o autor já havia dado início a um novo livro, lançado postumamente, com o título de *Clara dos Anjos*, em 1948. Entretanto, agora, sendo um romance, composto de dez capítulos. Nessa nova versão, por fim, houve a inserção de novos personagens, porém, mantendo o conflito da narrativa, isto é, o envolvimento de Clara com um jovem violeiro.

4. A DESCOBERTA BRUTAL DE SUA IDENTIDADE NEGRA E DE SUA CONDIÇÃO SOCIAL.

Os primeiros parágrafos do conto são dedicados à apresentação do carteiro Joaquim dos Anjos, homem simples, pouco ambicioso na vida, um grande apreciador de violão e de modinhas. Na sequência, é apresentada sua família, composta por sua esposa, Dona Engrácia e a filha única do casal, a jovem Clara. O carteiro tocava flauta; até, acreditava ser músico. Aos domingos, promovia encontros na sua residência, quando recebia alguns amigos para jogar bisca, tocar e cantar modinhas.

Certo domingo, um amigo de Joaquim pediu autorização para trazer um conhecido para tocar violão, chamado Júlio Costa. Uma visita foi suficiente para o violeiro interessar-se pela filha do casal dos Anjos e, desse modo, fazer-se membro assíduo nas rodas de modinhas, aos domingos. Júlio começou a cortejar a moça e, logo, trocaram a primeira carta. O violeiro fez juras de amor e, acreditando no sentimento do rapaz, a ingênua jovem aceitou recebê-lo em seu quarto. Após as frequentes visitas noturnas, Clara engravidou, porém, Júlio, a partir deste momento, se afasta da moça e dos encontros dominicais. Dona Engrácia descobre a gravidez da filha e, ambas, decidem que o melhor a se fazer é procurar a família de Júlio. Todavia, ao chegar à casa do rapaz, Clara é recebida por sua mãe que a trata com preconceito. Após ser humilhada, a jovem se retira da casa contendo as lágrimas, mas consciente de que ninguém intervirá por ela.

Ao longo da leitura, podemos encontrar a presença de um narrador em 3ª pessoa e onisciente. Em alguns momentos, nos deparamos com trechos em que a personagem parece falar quando, na verdade, é o narrador colocando sua visão pessoal dos fatos. Isso pode ser claramente percebido no final do conto, quando Clara descobre que foi enganada pelo sedutor Júlio Costa e reconhece de que nada adiantou tantos cuidados e vigilância, por parte dos pais. Vejamos o fragmento:

Clara saiu sem dizer nada, reprimindo as lágrimas, para que na rua não lhe descobrissem a vergonha. Então, ela? Então ela não se podia casar com aquele calaceiro, sem nenhum título, sem nenhuma qualidade superior? Por quê?

Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar à coisa mais simples a que todas as moças aspiram. Para que seriam aqueles cuidados todos de seus pais? Foram inúteis e contraproducentes, pois evitaram que ela conhecesse bem justamente a sua condição e os limites das suas aspirações sentimentais [...] (BARRETO, 2009, p. 134).

Sobre o tempo da narrativa, o conto “Clara dos Anjos” não fornece informações precisas quanto ao período em que transcorreram os fatos, de qualquer modo, podemos considerá-lo cronológico. O que encontramos no texto são marcações como “certo dia”, “dias depois” e “daí a dias”, que sugerem ter passado algum tempo entre os acontecimentos.

A partir do quarto parágrafo da narrativa, é apresentado o cenário em que se desenvolverá grande parte da história. Trata-se de um ambiente urbano, onde está localizada a casa da família dos Anjos, região suburbana, da cidade do Rio de Janeiro. Os encontros dominicais eram realizados no quintal da casa, debaixo do tamarineiro; já os encontros amorosos dos jovens, por sua vez, ocorriam no quarto da moça. Outros momentos da narrativa têm como cenário a casa de Júlio, localizada na região mais nobre da cidade carioca.

Sobre a personagem protagonista, Clara, podemos considerá-la redonda. Inicialmente, temos uma moça ingênua e inocente, mantida sob os cuidados e a proteção dos pais. Não lhe era permitido que fosse à venda vizinha, mas em certos domingos, seu pai lhe permitia que fosse acompanhada das amigas ao cinema. Aos 17 anos de idade, a jovem pouco saía de casa e desconhecia, portanto, o mundo “lá fora”, da mesma forma, desconhecia a sua própria vulnerabilidade. Ao final da narrativa, contudo, temos uma personagem modificada, decorrente dos incidentes sofridos, como a gravidez e o abandono. Ao ouvir da mãe de Júlio: “[...]. Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da sua laia!” (BARRETO, 2009, p.133), Clara se sente impotente e discriminada, por conta da cor de sua pele. Entretanto, a decepção permitiu que Clara notasse que Júlio não lhe era superior, pois, não possuía títulos e nenhuma qualidade que o fizesse melhor. Os demais personagens que compõem o texto, os pais de Clara e os familiares de Júlio são planos, pois, se apresentam do início ao fim da narrativa sem alterações relevantes.

Após serem apresentados o narrador, tempo, espaço e personagens do texto barretiano, passamos, agora, à proposta central desta pesquisa, isto é, pontuar a condição social da mulher negro-brasileira na sociedade, a partir de informações contidas no conto “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto.

Dentre os escritores de sua época, Afonso Henriques de Lima Barreto, foi o que mais denunciou o racismo. Como sempre esteve ciente da exclusão do negro na sociedade, por isso, colocou-o em lugar de destaque na sua literatura. O autor vivenciou o racismo, como já afirmamos anteriormente, porém, desde seus primeiros textos, se assumiu como mestiço. Ele deu voz aos marginalizados, como afirma a pesquisadora Luciana Borges “[...] ao falar de si mesmo, a autor possibilita que toda uma massa de excluídos fale com ele” (BORGES, 2013, p.332).

Uma leitura mais crítica do conto permite-nos observar que toda a superproteção do casal dedicada à filha, a levará para um fim irremediável. Inclusive, o narrador conhece a vida errônea do cantor de modinhas. Deste modo, podemos afirmar que Clara se tornou alvo de Júlio, não somente por ser mulata e pobre, mas também por desconhecer as maldades sociais, papel no qual o casal dos Anjos se mostrou falho. Este é um dos motivos pelos quais Lima defendia a necessidade de instrução da mulher, principalmente, a formação crítica de negros/as a partir da educação. Segundo Borges:

Deste modo, era necessário que o negro fosse educado para ter consciência crítica de marginalização e, a partir disso, poder lutar contra as injustiças e preconceitos, e não apenas garantir o direito

individual de pertença à elite branca, tornando sua negritude invisível pela camuflagem intelectual (BORGES, 2013, p.344-345).

Há uma questão bem explícita no texto, por conta disso, que é o preconceito racial sofrido pela mulher mulata e negra na sociedade do período. A personagem Clara é descrita pelo narrador como sendo uma moça de pele parda clara e de cabelos lisos. A jovem somente se reconhece como mulata, após a mãe de seu amado criticar sua aparência física, a qual denuncia sua descendência negra. Deste modo, Clara, assim como as demais vítimas de Júlio, também, mulheres de origem negra, são impedidas de se unirem ao malandro, por terem a cor da pele marcada. Segundo Borges, a reparação moral que seria “[...] facilmente conseguida para uma branca, para Clara se encontra impedida pelo preconceito, pela discriminação, que torna uma mulata indigna de unir-se legalmente com um homem branco” (BORGES, 2013, p.346)

É relevante citar, aqui, o comentário da escritora Conceição Evaristo sobre “a carga irônica de seu nome” (EVARISTO, 2009, p.30), Clara dos Anjos, que nos leva a acreditar que a intenção deste nome visa afastá-la da descendência negra e inseri-la na sociedade branca, ocultando seu real lugar na sociedade. Por outro lado, lembra, também, que o sobrenome que herdará do pai é bastante sugestivo para caracterizar a ingenuidade e pureza da jovem.

É pertinente apontar, igualmente, que este conto assim como outros textos de Lima Barreto, segundo Luciana Borges, procuram desfazer a imagem da mulata/negra na cultura nacional, a qual é vista, inclusive fora do Brasil, “como corpos a serem apropriados e fruídos” (BORGES, 2013, p.349). Clara dos Anjos assim como as demais vítimas de Júlio, outras mulatas e negras menores de idade, são tomadas como objeto sexual pelo homem branco. O jovem sedutor vê as mulheres (negras) como fonte de prazer e diversão. Segundo a pesquisadora Luciana Borges, trata-se de algo que persiste desde o período colonial, quando homens brancos usavam da sua posição social para ter relações com as negras ou mulatas, sem precisar haver uma relação oficial. Através desta representação feminina, o autor expõe sua preocupação e faz uma severa crítica à situação a qual a mulher negro-brasileira está sujeita.

Para Borges, a ingenuidade da personagem Clara é decorrente da educação restritiva que recebeu dos pais e do distanciamento da sua realidade social, sem instrução, preparada apenas para a vida doméstica, tendo como sua maior ambição, o casamento, ela dificilmente conseguiria evitar tal situação. Em nenhum momento passou pela cabeça da jovem que as investidas de Júlio eram falsas e de que ela estaria, portanto, sendo enganada. Devido à sua vulnerabilidade, como podemos observar, tornou-se alvo de fácil manipulação.

O conto barretiano expõe, também, a dificuldade da mulher de ter acesso à educação formal e de exercer uma atividade remunerada, características de uma sociedade patriarcal. A família de Clara vive somente com o precário salário do carteiro Joaquim, restando à mãe e a filha se dedicarem, apenas, a atividades domésticas do próprio lar. Nesta narrativa, Lima Barreto faz uma crítica à situação de dependência na figura masculina, seja do pai ou do marido, como podemos

observar no trecho em que Clara reflete: “[...] Ela, porém, precisava casar-se. Não havia de ser toda a vida assim como um cão sem dono... Os pais viriam a morrer e ela não podia ficar pelo mundo desamparada [...]” (BARRETO, 2009, p.129). Falando, ainda, sobre a jovem, o fragmento, também, deixa transparecer uma pitada de comodismo e aceitação pela realidade que a cerca.

No final do conto, temos a personagem Clara diante da descoberta da sua identidade negra e de sua condição social. Nas linhas finais da narrativa, a voz do narrador se mistura com a reflexão da personagem: “viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar à coisa mais simples que todas as moças aspiram” (BARRETO, 2009, p.134). A última frase de Clara: “mamãe, eu não sou nada nesta vida” (BARRETO, 2009, p.134) indica que não há mais nada a ser feito, a jovem reconhece, por fim, que tem um destino que ela própria não consegue mais mudar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das leituras teóricas, foi possível observar o empenho de Lima Barreto para aprimorar sua escrita e para vencer os inúmeros desafios que permeavam sua carreira literária. Podemos afirmar que desconhecíamos o papel social que o autor prestou à sociedade brasileira através da sua literatura, em tom de denúncia e protesto contra uma sociedade racista e elitista.

A produção literária do escritor indica que a sociedade do período apresentava uma dificuldade para aceitar o passado de escravidão e, com isso, reconhecer que uma boa parte da população era descendente de escravos. Isto fica bem visível, a partir da sua própria história de vida e da sua luta para se firmar como autor. O reconhecimento demorou a chegar para Lima e, em momento nenhum, ele aceitou mudar seu propósito estético. Ao contrário disso, no entanto, ele seguiu firme, mesmo diante do que mais o incomodava, isto é, o silêncio dos críticos.

O objetivo da nossa pesquisa foi apresentar a realidade social da mulher negro-brasileira no conto barretiano. Observamos que o autor faz uma crítica à sociedade patriarcal, ao apresentar uma personagem que inspira obediência. Ao mesmo tempo, Lima Barreto aponta para a necessidade de evitar-se a superproteção aos filhos, sobretudo, da mulher, que o autor deixa transparecer a ideia de que esta deve ser orientada desde muito jovem, sobre os “perigos” da sociedade. O autor era um fiel defensor da educação para o cidadão negro, mas de modo que o negro fosse educado para ter um posicionamento crítico e não apenas para absorver os valores brancos.

Ao criar personagens negros e mulatos em seus textos, o autor pretende dar-lhes visibilidade e desfazer estereótipos. A proposta do conto analisado é totalmente atual e pertinente para o momento, haja vista a visão de alguns indivíduos sobre a disponibilidade do corpo da mulher brasileira, sobretudo, da mulata e negra. Apresentamos, aqui, somente um texto literário e um autor, dos muitos outros textos e autores que compõem a literatura negro-brasileira. Finalmente, não

pretendemos encerrar, aqui, nossos interesses, pois, há muito ainda o que ser estudado, a partir da produção dos nossos representantes na literatura nacional.

Referências

BARRETO, Lima. “Clara dos Anjos”. In: ____ **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

BERND, Zilé (Org.). “Mulato”. In: ____ **Dicionário de figuras e mitos literários da Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007.

BORGES, Luciana. “Personagens femininas e mulatas no universo ficcional de Lima Barreto”. In: ____ **Leituras de Gênero e interculturalidade**. Dourados: UFGD, 2013.

EVARISTO, Conceição. “Questão de pele para além da pele”. In: ____ **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). “Negritude, negrismo, literaturas de afro-descendentes”. In: ____ **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FREIRE, Zélia Nolasco Santos. “Lima Barreto e a Crítica Literária”. In: ____ **Lima Barreto e a Literatura Comparada- Ensaios**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

LOBO, Luiza. “A face da mulher Negra”. In: ____ **Crítica sem juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

____. “Negritude e literatura”. In: ____ **Crítica sem juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

____. “O negro de objeto a sujeito”. In: ____ **Crítica sem juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Luiz. Disponível em: <http://www.cuti.com.br/>. Acessado em: 16/09/2016.

Para citar este artigo

MACIEL, Márcio Antonio de Souza; GASPAR, Luciana dos Santos. A realidade e a crítica social envolvendo a mulher negro-brasileira no conto Clara dos Anjos, de Lima Barreto. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 131-144, maio-ago. 2017.

Os autores

Márcio Antônio de Sousa é doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).

Luciana dos Santos Gaspar é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).